05 e 06 nov

Orquestra Gulbenkian
Hannu Lintu
Elina Vähälä

Petrouchka

GULBENKIAN
MÚSICA

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN • 1956—2026
70

Orquestra Gulbenkian
Hannu Lintu Maestro
Elina Vähälä Violino

Joly Braga Santos
Encruzilhada

1. *Dança e movimento geral*
2. *Pantomima*
3. *Dança num bairro de Lisboa*
4. *Pas de deux*
5. *Dança geral*

Olli Mustonen
Concerto para Violino e Orquestra n.º 2,
Larin Paraske

1. *Assim cantava Larin Paraske*
2. *A juventude de Paraske*
3. *Falar com as árvores de Deus*
4. *Apoteose*

INTERVALO 20 MIN

Igor Stravinsky
Petrouchka

PREMIER TABLEAU

Fête populaire de la semaine grasse
Danse russe

DEUXIÈME TABLEAU

Chez Petrouchka

TROISIÈME TABLEAU

Chez le Maure
Valse: La Ballerine et le Maure

QUATRIÈME TABLEAU

Fête populaire de la semaine grasse
(vers le soir)
Danse des nounous
Paysan et l'ours
Bohémien et marchand malhonnête
Danse des cochers et des palefreniers
Les déguisés
La rixe: Le Maure et Petrouchka
Mort de Petrouchka
Police et l'enchanteur
Vociférations du double de Petrouchka

DURAÇÃO APROXIMADA 110 MIN

Joly Braga Santos

Lisboa, 1924 – Lisboa, 1988

Encruzilhada

Composição 1967 Duração c. 17 min

Joly Braga Santos foi um dos maiores compositores portugueses e, certamente, o mais popular, sendo ainda hoje o mais tocado, graças ao seu génio melódico e à sua mestria orquestral. Um "músico dos músicos" como muitos o definem, Braga Santos aliou o sentido formal épico, notável nas suas seis sinfonias, com a capacidade de escrever peças menos amplas, mas igualmente bem-sucedidas, como este bailado, *Encruzilhada*, encomendado pela Fundação Calouste Gulbenkian e estreado em 1968 pelo Grupo Gulbenkian de Bailado, com coreografia de Francis Graça (no que será o seu último trabalho) e figurinos de Artur Casais.

O estilo de Joly Braga Santos deriva de várias fontes, nomeadamente do seu mestre Luís de Freitas Branco, cujo interesse pela música do Alentejo e pela antiga polifonia portuguesa era notório, inclusive na sua música mais tardia, e do estilo orquestral de compositores como Ralph Vaughan Williams e William Walton. Porém, de todas estas influências, Joly Braga Santos retira apenas o que lhe interessa. O seu idioma é tão pessoal que apenas após alguns segundos é fácil perceber quem é o autor da música. Imensamente precoce, Joly Braga Santos escreve as primeiras quatro sinfonias entre 1946 e 1950, ou seja, entre os 22 e os 26 anos, praticamente uma por ano, e todas são excecionais e, em conjunto com as quatro de Luís de Freitas Branco, constituem o *corpus* sinfónico mais importante da música portuguesa até ao momento.

O bailado *Encruzilhada* insere-se num período de transição, os anos 60 que, tal como acontecerá com outros compositores da primeira metade do século que viveram algumas décadas para além dessa primeira metade e entraram pelos anos 60 e 70 dentro, derivará da influência, poder e omnipresença das correntes estéticas oriundas da hoje denominada "Escola de Darmstadt", na verdade, os célebres cursos de verão que acolheram, entre outros, Boulez, Maderna, Cage, Stockhausen, Berio e outros vanguardistas radicais

que acabaram por dominar grande parte dos festivais e instituições dedicadas à nova música. Excluídos ficaram todos os compositores que continuaram a escrever uma linguagem mais tradicional, mesmo quando, como no caso de Chostakovitch ou Britten, esta não era necessariamente académica ou convencional. Porém, a palavra de ordem era "cortar com o passado" de forma abrupta e radical, e quem não seguisse essa premissa corria o risco de ver a sua carreira estiolar. Em Portugal, nomes como Fernando Lopes-Graça e Joly Braga Santos sentiram essa pressão, à qual se misturará, é certo, também um interesse genuíno pelas novas formas de expressão. Porém, muitíssimo mais do que Lopes-Graça, Joly Braga Santos era um melodista por vocação, um compositor lírico, contrapontístico, cuja verdadeira identidade residia nas grandes formas sinfónicas e na invenção de melodias que cativam o público de imediato e que permanecem muito depois de a obra ter terminado.

Os temas de vários números são porém inspirados em motivos populares, o que, já para o final dos anos sessenta, em plena mutação estilística, pode parecer estranho, mas que se explica, em parte, pelo tema do bailado. Este previa mais de 20 bailarinos em palco (camponeses e fadistas), pois estamos numa aldeia portuguesa onde as gentes celebram as bodas de um jovem casal. Eis porém que do nada surge um grupo de rufias vindos da cidade, que se intrometem na cerimónia, causando grande rebuliço. Os rufias tentam atrair para eles a noiva através dos encantos e luxos da vida na cidade, mas esta consegue resistir e escapar, voltando sã e salva da tentação para os braços do noivo camponês.

Escrevendo aos 19 anos para a revista *Arte Musical*, Joly Braga Santos recusara, numa fórmula que ficará célebre (e da qual decerto se arrependerá), o uso quase universal do folclore português nas obras dos seus colegas, nomeadamente referindo-se a Lopes-Graça e Frederico de Freitas: "Deixem os saloios em paz!" Embora Joly Braga Santos tenha proferido esta *boutade* em jeito provocatório, temos de lhe perdoar pelos 19 anos que tinha à época e pelo facto de ter, anos mais tarde, escrito também ele várias obras baseadas em melodias populares ou por elas inspiradas, obras como as *Variações Sinfónicas*

sobre um Tema Alentejano (1951), a *Abertura Sinfónica n.º 3* (1953), o bailado *Alfama* (1956), o *Divertimento n.º 1* (1961) e, claro, esta *Encruzilhada*. Da espetacular *Dança geral* retirará Joly Braga Santos ainda a irresistível tarantela que usará, em 1985, como derradeiro andamento da *Suite de Danças* escrita para o Opus Ensemble.

Olli Mustonen

Vanda, Finlândia, 1967

Concerto para Violino e Orquestra n.º 2, *Larin Paraske*

Composição 2024 Duração c. 25 min

Olli Mustonen, embora provavelmente mais conhecido como exímio pianista, é também um reputado maestro e compositor na tradição romântica dos pianistas-compositores, que também dirigiam com frequência (Liszt, Mendelssohn, etc.). Mustonen faz parte de toda uma geração finlandesa de compositores que abraçaram outras formas de fazer música moderna fora da rigidez dos conceitos pós-seriais e experimentais das vanguardas europeias. Como Magnus Lindberg, o mais reputado compositor finlandês da atualidade, que também é maestro e pianista, Mustonen abraça um ecletismo de escrita e um sentimento tonal que se inserem no chamado "pós-modernismo" que, a partir dos anos 70 do século XX, desafiará o reinado de Darmstadt. Escusado será dizer que a ligação à tradição levará muito público, renitente ao experimentalismo, a abraçar a nova música de Schnittke, Pärt, Górecki, Adams ou Adès.

A música de Mustonen abre-se assim a múltiplas influências, revelando ecos de Sibelius (presença quase impossível de evitar na música finlandesa!) mas também de Mendelssohn (Noneto n.º 2), Bach (*Toccata*), Mahler e Chostakovitch (Sinfonia n.º 1) ou Vivaldi (Concerto para Três Violinos). A sua formação de pianista influenciará também a escrita para este instrumento, uma vez que Olli Mustonen toca desde Bach e Mozart até Prokofiev e Stravinsky, e o neo-barroquismo "motorizado" de Prokofiev, em particular, parece ser da sua predileção, bem como a escrita para cordas.

O Concerto para Violino n.º 2 foi estreado em 2024, em Helsínquia, pela mesma solista desta noite, Elina Vähälä. Encomendado pela YLE, a rádio finlandesa, é um retrato musical da cantora de runas finlandesa, Larin Paraske (1833–1904), que se tornou numa lenda do país ao preservar uma extensa coleção de melodias e poesia campesina. Cada andamento retira assim inspiração dessa figura histórica. Mustonen já antes usara as runas como base para peças suas, e este concerto é, de certa forma, um culminar desse interesse por essa forma poética e pela figura de Paraske. O próprio compositor, em nota da editora, revela-nos algumas das suas ideias: "Senti que, com a ajuda da música, seria possível também transmitir algumas das qualidades intraduzíveis – por vezes, até mesmo hipnóticas e xamânicas – desta poesia a um público que não domina a nossa língua pouco comum"

Também segundo o compositor, o 1.º andamento "captura a essência rítmica e enérgica do canto rúnico de Paraske", enquanto o 2.º andamento "retrata os anos de juventude da cantora, através de sonoridades delicadas e líricas". O 3.º andamento "procura transportar os ouvintes para uma paisagem contemplativa, quase espiritual, interpretando a Natureza como pano de fundo do legado de Paraske", algo comum a todos os artistas finlandeses, rodeados de uma natureza pristina e imensa, num país de lagos e florestas que já haviam inspirado Sibelius, o grande mentor da música nacional. Por fim, o 4.º andamento termina a peça de forma dramática e radiante e revela também a influência do seu mestre, Einojuhani Rautavaara.

Igor Stravinsky

Oranienbaum, 1882 – Nova Iorque, 1971

Petrouchka

Composição 1910-1911 / rev. 1947 Duração c. 35 min

Petrouchka, estreado em 1911, logo após o fenomenal sucesso de *O Pássaro de Fogo*, é o segundo bailado da trilogia que colocou Igor Stravinsky como um dos dois mais influentes compositores da modernidade, a par de Arnold Schönberg, com o qual irá doravante

partilhar esse título. A evolução estilística de Stravinsky em apenas três escassos anos, o tempo que medeia entre *O Pássaro de Fogo* e *A Sagração da Primavera*, foi surpreendente e reveladora da curiosidade insaciável de Stravinsky, que odiava repetir-se. E, se estes três bailados são muito diferentes entre si, todos partilham algo: o folclore russo. A chamada "fase russa" do compositor, que prosseguirá até 1916, com *As Bodas* e *Renard,* começará a dar lugar à influência do jazz e ao neoclassicismo neobarroco, estética que se imporá a partir de 1918, com o término da 1.ª Guerra Mundial.

Com *Petrouchka* podemos afirmar também que, embora ainda herdeira do Grupo dos Cinco, nela Stravinsky se torna, pela primeira vez, por completo e sem quaisquer dúvidas, Igor Stravinsky. Se *Fogos de Artifício* e *O Pássaro de Fogo* ainda devem demasiado a Scriabin, Dukas, Rimsky-Korsakov e Borodin, e levam essa estética oitocentista o mais longe possível em termos de sofisticação, com *Petrouchka*, que trata as desventuras do popular títere de feira russo (diminutivo de "Pedro", Pedrito, ou, à letra, "Salsinha", o equivalente ao Punch inglês, ao Pulcinella italiano ou ao Roberto português), Stravinsky torna-se o "cubista" da música.

Apaixonado por uma bailarina feita de madeira e palha, como ele, e ameaçado por um mouro, também de palha, que lhe disputa o amor da boneca, os três animados por uma flauta tocada por um velho mágico durante o Carnaval, Petrouchka tenta tudo para disputar a bailarina ao mouro, mas acaba morto pelo sabre deste. No entanto, tal como no conto de Gogol *O Capote* (que, noutro contexto, possui muitas semelhanças com esta história), o fantasma de Petrouchka volta para zombar do mago e do público.

Petrouchka usa, como todas as obras deste período russo, canções populares provenientes dos mesmos cancioneiros que já Rimsky, Tchaikovsky e outros haviam explorado, e também algumas melodias e cançonetas ligeiras que, não sendo tradicionais, foram incorporadas por Stravinsky no bailado, nomeadamente duas peças do célebre compositor vienense Joseph Lanner, *Die Schönbrunner* (op. 200) e *Steyrische Tänze* (op. 165), e ainda uma canção anónima francesa, *La jambe de bois*, tocada pelo realejo no Primeiro Quadro enquanto a bailarina flirta com o mouro.

Stravinsky tinha ouvido um tocador de realejo em Nice e resolveu incorporar a melodia no bailado, imitando orquestralmente a sonoridade irregular do instrumento mecânico.

A parte de piano, altamente virtuosística e exposta, deriva da ideia inicial da obra. Na verdade, logo após *O Pássaro de Fogo*, já Stravinsky começara a pensar em *A Sagração da Primavera*, enquanto escrevia, em simultâneo, um pequeno *Konzertstück* ("Peça de Concerto") para piano. Porém, quando Diaghilev ouviu os esboços já escritos percebeu imediatamente o enorme potencial que a obra tinha enquanto bailado, e assim nascerá *Petrouchka*, uma das obras que fará Debussy escrever em 1915 a Stravinsky: "Seja, com todas as suas forças, um grande artista russo! É tão belo ser do seu próprio país e estar ligado à sua terra como o mais humilde dos camponeses!"

As novidades que *O Pássaro de Fogo* já antecipava, nomeadamente a emancipação do ritmo, explodem subitamente nesta música de feira. Todas vão derivar das peripécias e do contexto do bailado, nomeadamente a sobreposição de tonalidades e ritmos diferentes (bitonalidade e polirritmia) para simular a agitação da feira e as diferentes ações simultâneas que nela ocorrem, mas também a oposição da humanidade de Petrouchka face às outras marionetas (o seu acorde, "Acorde de Petrouchka", é constituído por duas tonalidades divergentes, Dó maior e Fá sustenido maior, que estão, tonalmente falando, nos antípodas uma da outra). Assim, a música de Petrouchka opõe-se à do resto da orquestra de forma ruidosa e agressiva. Não por acaso, as duas tonalidades que o definem estão afastadas por um intervalo de 4.ª aumentada, intervalo evitado durante grande parte da História da Música por ser tonalmente instável, tendo sido apelidado de *Diabolus in Musica* na Idade Média. O seu uso como sonoridade básica do bailado remete assim para o carácter "diabólico" da animação dos protagonistas realizada pela magia negra do feiticeiro da feira.

Notas de Sérgio Azevedo

Hannu Lintu

O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Na temporada 2026/27 iniciou funções como Diretor Musical da Sinfónica de Singapura e dá continuidade aos seus mandatos como Parceiro Artístico da Sinfónica de Lahti e Diretor Artístico do Festival Internacional Sibelius. Na presente temporada, dirige também a Sinfónica da Rádio Finlandesa, a Orquestra do Minnesota, a Filarmónica dos Países Baixos e estreia-se à frente da Orquestra do Tonhalle de Zurique e da Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse.

Nos últimos anos, dirigiu a Sinfónica de Chicago, a Filarmónica de Nova Iorque, a Filarmónica de Berlim, a Orquestra de Cleveland, a Sinfónica da Rádio da Baviera, a Orquestra Nacional da Radio France, a Sinfónica de Boston, a Sinfónica da Rádio Sueca, a Sinfónica da BBC, a Filarmónica de Londres, a Orquestra do Konzerthaus de Berlim e as Sinfónicas de Atlanta, St. Louis, Baltimore e Montreal, entre outras grandes orquestras.

Para além das grandes obras sinfónicas, dirige regularmente repertório de ópera. Neste domínio, os destaques recentes incluem *Oedipe* de Enesco, no Festival de Bregenz, *O Navio Fantasma* de Wagner, na Ópera de Paris, e *Pelléas et Mélisande* de Debussy, na Ópera Estadual da Baviera, bem como produções enquanto Maestro Titular da Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia (2022-2026), incluindo *O Anel* do *Nibelungo* de Wagner, *Dialogues des Carmélites* de Poulenc, *Don Giovanni* de Mozart, *Turandot* de Puccini, *Salomé* de R. Strauss, *Billy Budd* de Britten, e uma versão encenada da *Messa da Requiem* de Verdi.

Hannu Lintu estudou violoncelo e piano na Academia Sibelius, em Helsínquia, instituição onde mais tarde se formou em direção de orquestra com Jorma Panula. Estudou também com Myung-Whun Chung na Accademia Musicale Chigiana, em Siena. Em 1994 venceu o Concurso Nórdico de Direção de Orquestra, em Bergen.

Elina Vähälä

Elina Vähälä nasceu nos EUA, mas cresceu na Finlândia. Estreou-se com a Orquestra Sinfónica de Lahti aos doze anos, tendo recebido posteriormente, de Osmo Vänskä, o título de "Jovem Mestre Solista". Afirmou-se entretanto como uma das violinistas mais solicitadas no panorama internacional, sendo a sua carreira marcada por uma versatilidade que lhe tem valido os maiores elogios da crítica. É uma convidada regular das orquestras finlandesas, mas a sua atuação internacional estende-se a outras prestigiadas orquestras como a Sinfónica de Houston, a Sinfónica de Vancouver, a Sinfónica Yomiuri Nippon ou a Orquestra da RTVE, entre muitas outras. Realizou extensas digressões na Europa, bem como na China, na Coreia do Sul e na América do Sul, colaborando com maestros de renome como Leonard Slatkin, Sakari Oramo, Jakub Hrůša ou Santtu-Matias Rouvali.

Em 2023, Elina Vähälä assumiu o cargo de Diretora Artística do Festival de Música de Naantali. As suas temporadas recentes incluem estreias com a Sinfónica Escocesa da BBC, a Sinfónica da Rádio de Praga e a Filarmónica de Seul, bem como regressos à Sinfónica de Hamburgo e à Filarmónica de Wrocław.

No domínio da música contemporânea, estreou concertos de Aulis Sallinen, Curtis-Smith, Jaakko Kuusisto e Kalevi Aho – obras escritas especificamente para ela. Notavelmente, realizou a primeira apresentação nórdica do Concerto para Violino e Orquestra, *The Red Violin,* de John Corigliano, sendo uma solista de referência para esta obra-prima. Para além dos palcos, dedica-se a formar a próxima geração de músicos. Em 2009, lançou uma Academia de Violino para jovens violinistas finlandeses com talento. Foi professora na Hochschule für Musik Karlsruhe, na Alemanha, e atualmente ensina na Universität für Musik und Darstellende Kunst, em Viena. Toca um violino Giovanni Battista Guadagnini, fabricado em 1780.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962, a Fundação Calouste Gulbenkian estabeleceu um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo dos anos, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente pensadas.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora.

No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Jukka Merjanen Concertino*
Francisco Lima Santos
1.º Concertino Auxiliar
Maria Balbi 2.º Concertino Auxiliar
Vicente Sobral 2.º Concertino Auxiliar
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Catarina Resende
María Ramos
João Castro*
Natália Ribeiro*
Sandra Escovar*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1.º Solista
Zachary Spontak 1.º Solista
Piotr Rachwał 2.º Solista
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Catarina Sá Duarte
Ana Isabel Malheiro
Gonçalo Melo
Bernardo Barreira
Leonardo Guedes*
Inês Marques*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1.º Solista
Lu Zheng 1.º Solista
João Tiago Dinis 2.º Solista
Nuno Soares
Sara Moreira
Andrew Shaw
Artemis Balkiz
Joana Silva
Micaela Miranda*
Márcia Furtado*

VIOLONCELOS

Martin Henneken 1.º Solista
Raquel Reis 1.º Solista
Jeremy Lake 2.º Solista
Gonçalo Lélis
Tiago Mirra
Maria Nabeiro
Pedro Ribeiro*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1.º Solista
Domingos Ribeiro 1.º Solista
Manuel Rêgo 2.º Solista
Marine Triolet
Vanessa Lima
Luís Ferreira*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1.º Solista
Sónia Pais 1.º Solista
Amalia Tortajada 1.º Solista
Mafalda Carvalho 2.º Solista*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1.º Solista
Nelson Alves 1.º Solista
Alice Caplow-Sparks
1.º Solista | Corne Inglês
Hugo Ribeiro 2.º Solista*

CLARINETES

Iva Barbosa 1.º Solista
Telmo Costa 1.º Solista
José María Mosqueda
2.º Solista | Clarinete Baixo

FAGOTES

Ricardo Ramos 1.º Solista
Vera Dias 1.º Solista
Raquel Saraiva
2.º Solista | Contrafagote
Pedro Pereira 2.º Solista*

TROMPAS

Duarte Moreira 1.º Solista
Adrian Garcia Carballo 1.º Solista*
Pedro Fernandes 2.º Solista
Antonia Chandler 2.º Solista

TROMPETES

Carlos Leite 1.º Solista
Fábio Aguiar 1.º Solista
José Pedro Pereira 2.º Solista
Luís Campos 2.º Solista*

TROMBONES
Sergi Miñana 1.º Solista
Rui Fernandes 2.º Solista
Thierry Redondo
2.º Solista | Trombone Baixo

TUBAS
Amílcar Gameiro 1.º Solista
Elmano Pereira 1.º Solista*

TIMBALES
Rui Sul Gomes 1.º Solista

PERCUSSÃO
Abel Cardoso 2.º Solista
José Afonso Sousa 2.º Solista*
Marco Fernandes 2.º Solista*
Miguel Herrera 2.º Solista*

PIANO
Bernardo Marques 1.º Solista*

CELESTA
Diogo Martins 1.º Solista*

HARPA
Alba Brundo 1.º Solista*

COORDENAÇÃO
António Lopes Gonçalves

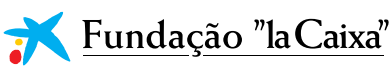
PRODUÇÃO
Américo Martins
Marta Ferreira de Andrade
Pedro Canhoto
Fábio Cachão
Inês Nunes

Programas e elencos sujeitos a alterações
sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso
da Fundação Calouste Gulbenkian
com a sustentabilidade, este programa
foi impresso em papel produzido
a partir de florestas plantadas com
gestão sustentável.

Mecenas
Gulbenkian Música





Mecenas
EGO



Mecenas
Piano e Orquestra



Mecenas
Ciclo de Piano



BPI | Fundação "la Caixa"

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Próximos concertos

Fanny e Felix Mendelssohn

12 nov
quinta 20:00

13 nov
sexta 19:00

Contos de Fadas

22 nov
domingo 11:00 / 15:00

Solistas da Orquestra Gulbenkian

Entrada gratuita

23 nov
segunda 20:00

Jeanine De Bique Apollo's Fire

26 nov
quinta 20:00

Danças Ocultas

28 nov
sábado 19:00

Sinfonia Incompleta

03 dez
quinta 20:00

04 dez
sexta 19:00

Evite tossir.

A tosse perturba os músicos e o público.
Se precisar de tossir, procure abafar o som.
Se persistir, saia discretamente e regresse no final
da obra ou do andamento.

Desligue o telemóvel.

O modo silencioso não impede alarmes
e um ecrã aceso é visível em toda a sala.
Não são permitidos registos de som ou imagem.



